

# ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU

EDIÇÃO N°18, NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2006 - ANO 4

*Organização e  
boa qualidade na  
cena de NATAL*

*Quase  
25 anos de*

## Alta Produtividade

Entrevista com John Ulhoa

Mais uma vez estou aqui na minha peleja de apresentar algo decente nesse espaço. Acho que o meu problema com ele fica mais e mais crônico a cada edição. Felizmente esta é a última vez do ano que sofro para cobrir o branco desta parte do zine. Poderia fazer uma retrospectiva de tudo que bom e ruim que aconteceu, mas a idéia me parece passada, chata, trivial. É claro que sempre há a opção de dizer o que você vai encontrar nas páginas seguintes. Não seria nada mal se não estivesse com preguiça de coisas assim.

Poderíamos falar da preguiça. É um assunto, aliás, que me interessa muito, uma vez que sou a própria imagem dela. Tem dias que tenho preguiça até de abrir os olhos. Um dia percebi que ela pode ser benéfica porque chama o ócio. Esse, por sua vez, chama a criatividade. É uma relação estranha, mas há sentido. Veja bem. Se você tem preguiça e se deixa dominar um pouquinho por ela, te sobra um pouco mais de tempo para pensar, inventar coisas. São nesses momentos que as idéias para uma próxima edição do zine e para várias outras coisas vêm à tona. É quando você vislumbra algo que pode ser feito, organiza uma estrutura, monta um quebra-cabeça imaginário dos seus problemas em busca de soluções nem tão óbvias assim, amadurece tudo, e consegue decidir com mais segurança.

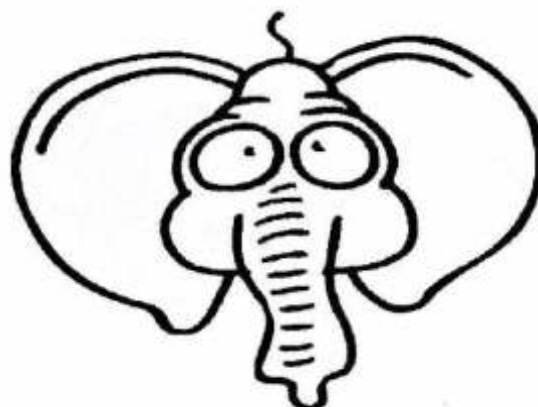
Nesse sentido, a preguiça é uma virtude!

A única coisa que me faz me libertar provisoriamente dela é a necessidade e uma fixação por horários. Muito mais que dinheiro, o que me move é o deadline! Se eu não consigo cumprir alguma tarefa no tempo estipulado (de preferência com boa antecipação), fico mal.

Acho que a junção de todas essas coisas é que faz o Elefante Bu existir. Primeiro vem a preguiça, o sono, as idéias, e daí nasce a pauta de cada edição. Depois eu entro em contato com os colaboradores e faço decisões. O terceiro passo é determinar o deadline, e só então terei a certeza que as coisas vão acontecer. A produção em si não é muito disciplinada (até porque eu não sou assim). Hoje não se faz nada, amanhã pode-se fazer tudo... quem sabe? É sempre diferente, porque coisas podem surgir durante o processo e modificar alguns pontos. Tudo isso acontece dentro de um período de vinte dias, mais ou menos.

O Elefante Bu é um produto da preguiça e de alguma indisciplina. Esse foi o segundo ano trabalhando nessas condições, e o curioso é que o ciclo ainda está longe de ser fechado. Apesar disso, a cada edição ele cresce um pouco mais. Inacreditável, incrível? Bobagem! Às vezes, as coisas são simples assim.

A próxima edição só vai dar o ar da graça em janeiro. Até lá, Feliz Natal, uma passagem de ano bem divertida, e o desejo que 2007 seja bom (apesar de ser ano ímpar, e do sapo barbudo)



## ELEFANTE BU N° 18

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

CAPA:

Foto: Washington Ribeiro Photoshop e arte: Djenane Arraes

AGRADECIMENTOS PARA ESTA EDIÇÃO:

John Ulhoa, Fernanda Takai, Irene Bentley, Cleber Aragão, Leonardo de Moura, todas as pessoas que colaboraram de alguma forma coma matéria de Natal, em especial Vlamir Cruz e Anderson Foca.

DISTRIBUIÇÃO:

De e-mail em e-mail.

E-MAIL E EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Jornal da Globo, Jornal do SBT e um pouco de Jô.

APOIO:

  
porãoweb.com.br

  
BigG  
POP • ROCK • MUSIC

John Ulhoa  
Cena de Natal  
Irene Bentley

10 anos sem Renato Russo  
História sem Fim

O Diabo Veste Prada

Atire no Pianista

O Guia

e outros mais



CAPA/PATO FU

# JOHN ULHOA



Texto e entrevista: Djenane Arraes - Fotos: Washignton Ribeiro

Não houve uma banda mineira que tenha alcançado uma significativa repercussão na nacional dos intrépidos anos 80. Parece até que as coisas só começaram a ser feitas nos anos 90. Mas se para a maior parte da população brasileira o estado passou em branco naquela época, não quer dizer que lá em Belo Horizonte as coisas estavam paradas. Havia gente fazendo barulho por lá, amadurecendo para a vida artística. Uma dessas pessoas atende pelo nome de João Daniel Ulhoa, e ficou mais conhecido como John, do *Pato Fu*.

Mas antes de reunir o trio que virou quarteto que virou quinteto, John tocava guitarra na banda de pós-punk *Sexo Explícito*, talvez a única mineira dos anos 80 que mereceu o status de cult. Também faziam parte Rubinho Troll, Marcelo Dolabela, Roberto Nosso, Marompas e Rogério. Essa história começou em 1982 e rendeu dois discos, um k7, um hit, e só acabou em 1991. A música mais conhecida foi *Faca*, que inclusive foi regravada por outros artistas. Ela integra o primeiro álbum *Combustível Para o Fogo*, de 1989. Foi nesse trabalho que John conquistou os críticos da revista Bizz e levou o prêmio de melhor guitarrista do ano. Ali também era o início do reconhecimento de um estilo muito próprio de tocar. John é um dos poucos instrumentistas do rock nacional onde é fácil reconhecer a sua mão nos primeiros acordes. Em declarações anteriores, disse que aprendeu guitarra com as próprias músicas e não nas revistinhas, apesar de, é claro, ter suas influências.

No seu último ano de *Sexo Explícito* foi lançado *O Disco Dos Mistérios ou 3 Diabos e ½ ou Sexplícito Visita O Sítio Do Pica-Pau Amarelo ou Tributo a H. Romeu Pinto* (eita nominho). É nele que se encontra a música *O Filho Predileto do Rajneesh*, de Rubinho Troll. A curiosidade é que anos mais tarde, quando recebeu uma versão do Pato Fu, ela foi considerada uma resposta feminista à *Mulher de Fases*, dos *Raimundos*, e se tornou um hit nos shows. Poucos lembraram que se tratava de algo mais antigo e quase ninguém levou em conta que um homem a escreveu.

Existem algumas outras curiosidades nesse período pré-Pato Fu de John Ulhoa. É comum acontecer no meio independente de músicos tocarem em diversas bandas. E naquela época, em Belo Horizonte, não era raro que várias delas tivessem dois, três integrantes em comum. Com John não foi diferente. Ele participou de alguns projetos ao mesmo tempo em que se dedicava à *Sexo Explícito*. Um deles foi a *Divergência Socialista*, onde ele era o baixista), e que também faziam parte Rubinho Troll e Marcelo Dolabela. John ainda integraria a *Último Número* (gravou o disco *O Strip-Tease da Alma*), *Clay Regazzoni*, e a *Sustados Por Um Gesto*, com Bob Faria. Essa

última é considerada o embrião do *Pato Fu*, formado em 1992.

Com a banda que conseguiu projeção nacional e reconhecimento internacional, são quase 15 anos de história registrados em oito discos e três DVDs. O Pato Fu nasceu já chamando a atenção, e não era apenas pelo queijo malcheiroso enrolado na fita demo. John disse em entrevistas antigas que aquele trabalho obteve uma repercussão logo de início que nenhuma outra banda anterior que havia participado conseguiu. O Pato Fu era mesmo diferente de tudo que havia no cenário musical no início dos anos 90. O *Rotomusic de Liquidificapum* (1993) é considerado um disco inovador do rock brasileiro. Mas a banda só ficou conhecida pelo grande público depois do segundo disco, *Gol de Quem* (1995), muito graças ao vídeo-clipe de *Qualquer Bobagem*, um dos mais executados da história da MTV. O Pato Fu construiu uma carreira sólida e longa. A fase de maior popularidade veio com os lançamentos de *Televisão de Cachorro* (1998) e *Isopor* (1999), e foi considerada uma das melhores bandas não-estadunidenses do mundo pela revista Time.

A principal cabeça criativa do atual quinteto é dele. Além de guitarrista, vocalista ocasional, e produtor, John também é o autor da maior parte das letras do grupo. São 67 no Pato Fu, sendo que 18 foram escritas em parceria com Ricardo Koctus, Fernanda Takai e amigos. No início, muitas delas eram quase incompreensíveis, estranhas e inusitadas, com muita dose de humor e ironia. Outras eram ruins mesmo. Hoje, John é compositor caprichoso com vários pop perfeitos no currículo como *Sobre O Tempo*, *Anormal*, *Nada Pra Mim* (sucesso na voz de Ana Carolina), *Canção Para Você Viver Mais*, *Antes Que Seja Tarde* e *Depois*.

Apesar de não ter integrado nenhum outro grupo depois que formou o Pato Fu, John continuou seus trabalhos paralelos e participações especiais, sendo que a atividade mais notável é como produtor. Ele assinou, entre outros, discos da *Yellowfante* (de Bob Faria), do *Arnaldo Baptista*, da *Érika Machado*, e da *Wonkavision*.

John completa em 2007, 25 anos de uma carreira intensa e muito rica. Quando perguntado se estaria completamente realizado como músico e compositor após um quarto de século, ele "escreveu" que tudo que era possível dizer é que chegou muito mais longe que poderia imaginar. "Mas ainda vivo tendo idéias e fico em permanente estado de tensão enquanto não consigo realizá-las". Na entrevista a seguir, John fala sobre produção, alguns desejos e Pato Fu. Mas antes este zine gostaria de prestar homenagem a esse jovem homem de 40 anos e que ainda tem muita estrada pela frente. Parabéns, sucesso e obrigado!



**Elefante Bu - Qual a característica mais importante que um produtor deve ter?**

John Ulhoa - A realmente mais importante e fundamental é ele saber ser um ponto de referência positivo para o artista dentro do estúdio. Saber de alguma forma somar suas opiniões ao que o artista traz, conquistando seu respeito e, ao mesmo tempo, respeitando sua individualidade. Nem sempre isso é fácil porque artistas geralmente trabalham dentro de uma bolha de idéias pré-concebidas. As outras duas qualidades principais - conhecimento musical e engenharia de audio - podem ser contornadas de outras maneiras, com arranjadores ou técnicos de som. Produtores podem funcionar só com a primeira qualidade lá de cima - são os chamados "produtores de clima". Eu acho que sou da escola "produtor-músico-engenheiro". Por outro lado uma outra característica importante que alguns produtores tem é a de ser uma ponte de relacionamento entre o artista e a gravadora ou radialistas, empresários, etc. Eu diria que esse é meu ponto fraco. Alguém que queira ser produzido por mim deve cuidar em arrumar um bom empresário para fazer essa parte.

**Elebu - Nos discos que você produziu, é possível identificar traços do seu estilo como músico em diferentes graus: quase nada "perceptível" no disco do Wonkavision, por exemplo; toques sutis aqui e acolá no do Arnaldo Baptista; e uma fortíssima influência no trabalho da Érika Machado (tanto que algumas canções soam tão Pato Fu, que só falta a voz da Fernanda). Então o que te faz intervir mais ou menos no som de um artista na hora de produzir-lo?**

John - Você vai identificar mais minha "marca" se eu tiver que tocar mais no disco. Acho que é simples assim. No Wonkavision não toquei praticamente nada. É uma banda, eles tocam tudo. No Arnaldo, toquei bem pouco, mas editei bastante. E nas minhas edições com certeza tem meu estilo, mesmo que eu não queira. Na Érika, ela veio com apenas algumas poucas coisas da banda que ela estava começando a montar, assim acabei tocando quase tudo, menos os violões, que ela mesmo gravou. Uma solução para isso é chamar outras pessoas pra tocar, mas não foi o caso com ela, que sempre teve uma carreira solo de voz e violão, então ela não tinha muita referência de músicos, e queria mesmo que eu tocasse. Aí fomos criando cada arranjo no

estúdio, sem outras pessoas mesmo.

**Elebu - Você planeja seguir firme nessa carreira paralela de produtor?**

John - Sim. Apenas acho que ela, por enquanto, ainda está subordinada à minha carreira no Pato Fu, que me toma quase todo o tempo. Mas sempre estou produzindo algo diferente, e acho que no futuro será minha carreira "principal".

**Elebu - Com quem mais você gostaria de trabalhar ou como produtor ou fazendo parcerias?**

John - Meu delírio de produtor é gravar trilha para cinema numa sala gigante com uma orquestra de 50 músicos e um telão com as cenas pra sincronizar.

**Elebu - Acho que um dos trabalhos mais bacanas que você fez fora do Pato Fu foi o Armatrux - a banda. Existe a possibilidade de uma "parte 2" desse projeto ou algum outro similar?**

John - Há possibilidade, mas nada planejado por enquanto. Recomendo a quem puder assistir o espetáculo ao vivo. Aí sim é que é legal.

**Elebu - Mais de um ano depois do lançamento, como**



you evaluate the performance of  
Toda cura para todo mal? Foi  
dentro do esperado?

John - Dentro das minhas expectativas, sim. Comercialmente falando, quero dizer. Já sabíamos que dentro de toda essa crise de venda de disco, e a gente sendo só distribuído os números seriam menores, mas ainda assim conseguimos vender bastante e seguir fazendo shows, mantendo nossa carreira com tranquilidade. Artisticamente, o "Toda Cura" superou minhas expectativas, tivemos as melhores críticas de toda nossa carreira, tanto de disco como de show. Pessoalmente, adoro esse disco, acho o melhor que já fizemos.



Elebu - Pergunta inevitável: o novo disco está previsto para quando?

John - Estamos trabalhando para termos um disco mais ou menos no meio de 2007, mas ainda é muito cedo para dizer se minha bola de cristal está com seu software atualizado ou não.

Elebu - E agora o Pato Fu parte para a Europa para fazer os primeiros shows por lá depois de 14 anos de carreira. Quais são as suas expectativas em relação aos shows e às oportunidades que podem aparecer?

John - O lugar em que a princípio o trabalho vai ser levado mais adiante vai ser em Portugal, onde nossa discografia foi toda lançada recentemente, e faremos mais shows, etc. O que mais eu gostaria de ver nos shows seria uma platéia bem misturada de locais e brasileiros. O Pato Fu para fazer um sucesso internacional precisa mesmo ser um "fenômeno", já que não somos o típico som brazuca-exportação. Temos uma dose relativamente baixa de "brasilidade"



no som. Mas tudo pode acontecer. Pelo menos estamos abrindo um mercado de shows para outras turnês, só isso já é muito bom.

Elebu - Vocês têm alguns contatos com alguns artistas na América Latina, mas nunca houve uma troca mais efetiva, como aconteceu com a Clã, em Portugal. Por que?

John - A Fernanda acabou de participar do disco solo do Hector Buitrago, do Aterciopelados (Colômbia). E temos trocado figurinhas - como o que fizemos com a Clã - com alguns artistas latinos, e talvez tenhamos novidades para o ano que vem. Tentamos, tentamos, mas não é fácil, a integração do mercado de discos e shows da América Latina com o Brasil é bem fraca mesmo.

Elebu - No Pato Fu, a Fernanda virou cronista e o Ricardo virou fotógrafo. E você? Existe alguma atividade extra-musical que você faz ou gostaria de fazer?

John - Eu gostaria que no Brasil nevasse pra eu andar de snowboard. Tirando isso, escrevo bobeyras sortidas lá no meu blog "665 o vizinho da besta", junto com o Rubinho Troll. Tenho vontade de trabalhar mais com vídeo, mas o tempo tá curto. Mas faço minhas edizões caseiras por aqui.

# DICAS DE NATAL

Djenane Arraes

Fazer matérias sobre cenas independentes na maioria das vezes é como erguer um muro de lamentações. Fala-se de algumas qualidades que em geral são a respeito do suor de seus protagonistas e do esforço que bandas interessantes fazem para viabilizar suas carreiras. Quem faz música em Natal (RN) também vive problemas comuns a qualquer lugar do país, como poucos locais para tocar, acusações de “formação de panelinha” (parece até coisa do código penal), falta de apoio, mercado pequeno, etc. Mas o que se vê nessa cidade é que é um local onde as boas coisas falam muito mais alto do que os reveses.

Em Natal destaca-se a qualidade e diversidade de suas bandas unida à vontade delas e de seus produtores em fazer as coisas acontecerem. O mercado é menor do que na maioria dos grandes centros, porém é mais organizado e com uma estrutura definida. “É difícil mantermos uma estrutura para a cena independente de Natal, que é uma cidade de passagem muito bonita. Temos dois grandes festivais de música (quando na maioria das cidades não tem nenhum): o DoSol e o MADA. Tudo isso leva a uma evolução da cena e a procura para que ela seja auto-sustentável”, disse o produtor e músico Anderson Foca.

A estrutura que Anderson se refere não diz respeito apenas aos festivais, embora eles (assim como em qualquer outro lugar) são os principais responsáveis pelo movimento das cenas. Natal é um dos poucos locais que dispõe de uma casa de shows para apresentações de quem está começando, além de contar com selos, sites, fanzines, rádios, ou seja, tudo que é necessário para dar suporte à produção local. São coisas que fazem os olhos do resto do país de voltarem para a cidade e transforma a capital potiguar num ponto cobiçado para apresentações. Afinal, quem não quer ir para uma praia lindíssima, ter à disposição uma boa estrutura e ainda ter um público que comparece? Só falta, no entanto, Natal fazer o caminho inverso e passar mostrar o que tem de bom para todo o país.

O Elefante Bu entrou em contato com diversas bandas e produtores de Natal onde eles mesmos indicaram um “mapa” da própria cena.

## O Festival: MADA

Ou melhor: Festival Cultural *Música Alimento da Alma*, idealizado pelo produtor Jomardo Jomas. A primeira edição aconteceu em 1998 na Ribeira (bairro histórico da cidade) por causa do programa *Palco MTV*. Jomardo observou que alguma coisa nova estava acontecendo e sentiu que a cidade precisava de um festival para mostrar essa nova produção. A coisa deu certo e hoje o *MADA* é a vitrine mais importante para as bandas independentes locais. Hoje ele é realizado na Arena do Imirá (a Ribeira não comportava mais o público), com vários palcos, feira mix e uma tenda eletrônica que funciona como um festival dentro do festival. O *MADA* tem ainda um braço cinematográfico realizado semanas antes do festival de música, com uma mostra competitiva de curtas-metragens e vídeo clipes.

Outro importante festival que não pode deixar de ser citado é o *DoSol*, organizado por Anderson Foca. Ele é mais novo que o *MADA* e teve apenas duas edições até agora, mas já chama atenção pela boa estrutura organizacional. O *DoSol Festival*, é realizado na Rua do Chile, no bairro da Ribeira, onde é montado três palcos e conta com uma estrutura capaz de comportar até quatro mil pessoas por noite.

## O Espaço: DOSOL ROCK BAR

É onde as bandas têm a chance de fazerem shows e se mostrarem para o público potiguar independente dos festivais. Administrado por Anderson Foca, o DoSol Rock Bar está aberto desde julho de 2004 e já foi cenário de mais de 500 shows de bandas do Rio Grande do Norte e de outros estados. Passaram por ali bandas como Ludov e Dead Fish. O bar também promove festas e lançamentos de CDs.





## O Selo: MUDERNAGE DISKOS

Administrado por Vlamiir Cruz, ou Mister Mu, o *Mudernage Diskos* começou suas atividades em 2000 numa parceria firmada com o selo *Solaris Discos*, o mais antigo de Natal que completou 10 anos. Porém o primeiro disco exclusivo do Mudernage só foi lançado em 2003 da banda *Bugs*. Desde então são oito discos no currículo. "O selo funciona em caráter cooperativo de parcerias com os artistas e tem o objetivo de viabilizar com esses lançamentos mais a divulgação além das fronteiras do Rio Grande do Norte, do que propriamente um enfoque em vendas", disse Vlamiir.



O Mudernage Diskos se parece muito com uma entidade cultural porque além das atividades do selo ainda promove uma série de outras atividades como shows pela cidade. Ele ainda oferece oficinas e palestras com temáticas ligadas à prática do exercício da independência com o uso das novas tecnologias. "Acredito que em breve estaremos nos legalizando como uma ONG na área de cultura e comunicação", explicou Vlamiir. "Nesse desdobramento estão vislumbradas, além das atividades que já realizamos, atividades na área de audiovisual (curtas, clipes e mostras), uma revista cultural eletrônica e/ou impressa, e a intensificação das oficinas".

Outro selo que merece destaque é o *DoSol*, que lançou mais de 30 discos de artistas locais desde a sua fundação.

## O Produtor: JOMARDO JOMAS

É o grande nome por trás do festival *MADA*. Antes do festival, Jomardo trabalhava produzindo artistas de Natal, como a *Alphorria*, banda de reggae local famosa em meados dos anos 90. Hoje ele é um desbravador e luta para que o *MADA* conquiste mais espaço em Natal e pelo país afora.

## O Programa de Rádio: TROPICAL 103,9 FM.

A pesar do programa *Rock, Pop, Blues*, da FM Universitária, ter sido o mais "votado", por assim dizer, a verdade é que o grande destaque foi a rádio Tropical FM, que teve vários programas lembrados. Presume-se assim que ela oferece de modo geral, a programação que mais agrada aos produtores e músicos das bandas de Natal. Os programas mais lembrados foram o *Rádio Blah*, o *103 Hype* e o *Conexão*.

## O Site: ROCK POTIGUAR

([www.rockpotiguar.com.br](http://www.rockpotiguar.com.br)) O site foi idealizado por Rodrigo Cruz, que é produtor de eventos e, quando dá tempo, estudante de Marketing. O site está na ativa desde 2004 e conta com uma equipe de nove pessoas, além de Rodrigo. Nele você encontra uma lista de bandas locais, agenda de eventos, notícias, resenhas, entrevistas, textos dos colunistas e a cobertura de eventos. Essa última atividade é o destaque do Rock Potiguar. Outra atividade interessante do site é a entrega do prêmio de melhores do ano com direito a um troféu confeccionado e tudo mais.

## O Fanzine: LADO |R|

Um dos responsáveis pelo fanzine é Dimetrius Ferreira. O *Lado |R|* faz atividades interessantes paralelas ao impresso, como um programa virtual de rádio e lançamento de discos e EPs de bandas locais junto com a publicação.

## Os Caras: VLAMIR CRUZ E ANDERSON FOCA

É verdade que eles não são os únicos em fazer as coisas acontecerem em Natal, mas que eles são responsáveis por uma boa parcela, isso é fato. Prova é que ambos são nomes que correram fácil nos itens acima e foram os mais lembrados dos músicos que colaboraram com essa matéria. Vlamiir vem à frente do *Mudernage* e Anderson comanda um verdadeiro conglomerado cultural chamado *DoSol*, e também se dedica à banda Allface.



# NATAL PARA OUVIR



A cidade de Natal conta uma geração novíssima de bandas onde boa parte delas não tem mais que cinco anos de existência. Mas elas trazem consigo uma bagagem de informações muito boa. O resultado é uma significativa diversidade de estilos e propostas interessantes. No leque mais alternativo está a *SeuZé*, uma das melhores dessa nova safra. O quarteto Lipe Tavares, Fell, Augusto Souza e Xandi Rocha foi formado há três anos. Em 2005 lançaram o primeiro disco, *Festival do Desconcerto*, pelo Mudernage Diskos. A proposta é genial na mistura da música regional com o rock. Claro que a combinação não é novidade, mas é aí que entra o diferencial da *SeuZé*. Além de canções, o quarteto conta histórias que podem ser reflexões sobre um jovem traidor ou até mesmo fazem uma

crônica política usando a figura do coronel (chamado de cacique em outras regiões). Para conhecer a banda, recomendo de início a tal crônica em forma de canção, *O Coroné*, que começa MPB, evolui para um forró meio torto e termina num hard rock. É fantástica e a letra é muito perspicaz. Outro ponto positivo é que não só a *SeuZé* possui bons instrumentistas, músicas interessantes, mas também conta com um ótimo vocalista cujo o timbre de voz lembra o do Lenine.

Passeando nesse leque alternativo, outro representante da cena de Natal interessante é a dupla *Os Poetas Elétricos*, formada por Carito e Edu Gomes. O projeto foi criado em 1995 e se chamava *Poemas Eletri-Ficados & Outros Que Foram Embora*. Ele entrou em hiato até ser retomado em 2004. Nesse mesmo ano a dupla lançou o CD que leva o nome do projeto inicial e tem participação especial de vários cantores e músicos. Entre eles está Michelle Regis, que terá participação mais efetiva no próximo trabalho. O que é bacana nesses *Poetas Elétricos* é o resgate de gente como Walter Franco e Tom Zé no sentido do jogo de palavras e rimas, do humor cínico e da ironia. Outras referências que vêm fácil à mente quando se escuta *Os Poetas Elétricos* são os antigos Joelho de Porco, Premeditando o Breque e Mulheres Negras. A dupla tem uma falta de compromisso com um gênero musical em específico. A sonoridade pode ser qualquer coisa que se encaixe com as letras (ou melhor, poemas). Existem sacadas geniais ali, como a história de Maria Elétrica que viveu sem parar para sonhar até que se encontrou com a tal de Menor Pausa, correu atrás do prejuízo e morreu sem entender. São pequenos detalhes que faz a dupla (em breve um trio, talvez) merecer toda a atenção, até porque são poucos que trabalham preocupados com jogos de palavras que tenham algum sentido e ainda se preocupam em fazer um som bacana e



não óbvio.

Já o lado rock propriamente dito da cidade também há boas surpresas de gente que dialoga com outras cenas independentes. O quinteto *Doris*, por exemplo, completa um ano de existência em novembro e tem como uma das referências a brasileira Gramofocas (sim, é aquela mesma que faz cover do Polegar e da vinhetinha da Madecor). Até agora eles lançaram apenas uma EP de quatro músicas pelo DoSol. Há nesse trabalho um espírito sacana, de quem faz música para diversão. E a Doris chama atenção também pelo vocal feminino à frente de uma banda que faz referência ao rock mais ligeiro. Não sou muito fã de vocais femininos à frente de bandas com características assim, mas Ana Morena segura legal a onda.

Rock'n'roll mesmo é para *Os Boonies* e para a *Revolver*. A primeira é mais rockabilly direto, ruidoso, e sem frescuras para dançar nos shows e se divertir muito. A segunda também bebe da fonte clássica, tem humor e uma certa sacanagem, mas o som é mais limpo com tendência mais pop. Os Bonnies é o quarteto Arthur Ricardo, Thiago Araújo, Olavo Luiz e Rafael Barros que está na estrada desde 2000. E bota estrada nisso, porque esse pessoal já encarou muito asfalto para tocar em outros estados brasileiros. A banda tem um EP homônimo lançado pelo Mudernage no ano passado, que vale à pena dar uma olhada. Já a Revolver é mais recente, nasceu em 2003 e possui cinco integrantes (Carlos Eduardo, Paulo Henrique, Cleo Lima, Paulo Ricardo e Thiago Orelha). O primeiro disco do quinteto ainda está em produção e será lançado em breve pelo DoSol.

Talvez a maior banda de Natal da atualidade seja a *Jane Fonda* por causa da constante presença em festivais importantes como o Mada e o Ceará Music, e também pelo reconhecimento da crítica. O nome em homenagem à atriz norte-americana engajada em causas políticas e ambientais é um contraste ao rock pesado e ao vocal berrado de Rodrigo BS (também integra a Jane Fonda: Leo Ventura, Solano Braw, Rogério Pitomba e Jão Saraiva). O primeiro disco, *Esses Dias Não Irão Para a História*, é um lançamento do Mudernage e chama atenção pela boa produção e qualidade. A música de destaque é *Velho*, que além de ser uma boa canção, também faz uma mescla bacana entre o jazz meio pop e o hard rock.

Outras bandas bacanas de Natal que não foram comentadas aqui por pura falta de espaço são *Allface*, *Experiência Apyus*, *Montgomerye Bugs*.



# Mestre da vida



Por Gizza Machado



A paulista Irene Bentley é dona de uma das vozes mais belas do Brasil. Além do seu canto lírico encantar platéias, ela ainda ensina a arte de viver da música com a experiência que adquiriu em anos de estudos. Irene tem diploma em Canto na Universidade Federal de Goiás (UFG) e hoje é professora do Departamento de Música da Universidade de Brasília (UnB). É nesse ambiente acadêmico que a professora atua boa parte do tempo. Na UnB é de sua responsabilidade a coordenação dos Projetos de Extensão de Ação Contínua *Consertos Semanais I e II*, audições públicas de alunos e profissionais, e o *Ópera Estúdio* que faz montagens de espetáculos operísticos como *La Boheme*, de Puccini, e *Carmem*, de Bizet. Como solista, Irene fez inúmeros recitais de canto e se dedicou à regência de corais. Ela também atuou no papel-título da ópera *Princesa Ida*, de Gilbert e Sullivan. Atenção, senhoras e senhores, o show vai começar. Com vocês... Irene Bentley!

[Gizza Machado - Vir para a Capital Federal: escolha, oportunidade ou desafio?](#)

Irene Bentley - Escolha. Brasília sempre me encantou. Apesar da secura, o que é terrível para a voz, a qualidade de vida é excelente. Além disso, foi em Brasília que eu encontrei o meu marido que é o meu grande companheiro e o amor da minha vida.

[Gizza - Quais foram os obstáculos enfrentados como cantora de ópera em um país que "engatinha" na valorização da sua própria cultura?](#)

Irene - Os maiores obstáculos enfrentados não foram com relação à minha vida profissional, mas com membros da minha própria família, que achavam que eu jamais conseguiria viver da minha arte, em um país que, como você disse, não valoriza sua própria cultura (a atitude deles espelha isto). "Você tem que estudar alguma coisa que dê dinheiro; canto é pra gente rica que não precisa trabalhar", ouvi muitas vezes. Hoje ninguém ousa sequer pensar nisso. Meu canto sustentou a minha família durante muitos e muitos anos. A questão é que a maioria das pessoas pensa que cantar é uma atividade de lazer, que não é preciso estudar (estudar muito e durante a vida toda) para ser um profissional competente. Não basta pegar um diploma e fazer uma entrevista ou passar num concurso para começar a trabalhar. Outra dificuldade é que por ser uma atividade "lúdica", uma "brincadeira" afinal, é apenas canto, as pessoas ficam surpresas quando um cantor cobra pelo seu trabalho. Elas querem de graça a única coisa que ele tem para vender. Não significa que não apreciem uma ópera ou um concerto de câmara ou de orquestra; quando fazemos apresentações gratuitas o Teatro Nacional lota e milhares não conseguem entrar. A questão é, também, de poder aquisitivo.

[Gizza - Um artista nasce ou é criado?](#)

Irene - Alguns nascem com uma facilidade muito grande de se expressarem artisticamente, seja pela música, dança, pintura, ou qualquer outra

manifestação artística, demonstrando desde muito cedo suas aptidões; outros necessitam muito estudo, muita paciência e perseverança para atingirem seus objetivos. Mas mesmo os que têm muita aptidão, se não se empenham e não encaram com seriedade o seu estudo e aperfeiçoamento permanente, não passarão do nível da mediocridade. Talentos têm sido perdidos por tais atitudes.

[Gizza - Quando você realmente descobriu a Irene Bentley artista?](#)

Irene - Eu canto em público desde pequena. Por isso apresentar-me publicamente é tão natural que eu nem me vejo como artista. Paradoxalmente, toda vez que eu entro num palco, seja perante um pequeno grupo de pessoas humildes da periferia, ou na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional ou na Esplanada dos Ministérios com 130 mil pessoas, eu me sinto uma artista, com toda emoção, apreensão e nervosismo que caracterizam um profissional responsável. Eu me descubro artista toda vez que isto acontece. No entanto, mais do que artista, eu me sinto uma educadora que usa a sua arte para formar pessoas e indicar-lhes caminhos.

[Gizza - Professora, cantora, pesquisadora...mestre da vida! Deixe registrado a sua mensagem, não só para os curiosos, mas para aqueles que gostariam muito de trabalhar e viver da música?](#)

Irene - Não existe nada mais satisfatório, mais agradável, do que você trabalhar e viver com dignidade fazendo aquilo que mais gosta. Sucesso? Às vezes leva uma vida para chegar; mas se há uma determinação, clareza de objetivos, empenho eu diria, obstinação, ele chega. Pensar e viver música no seu dia-a-dia, estudar, estudar, estudar, conhecer o que se faz no mundo, atualizar-se permanentemente, enxergar amplos horizontes, muito além dos limites do seu "mundinho" ou do seu "quintal", são algumas das recomendações de quem conseguiu fazer da sua arte a sua vida profissional. E, o que é mais importante, trocar o espelho pela janela para poder enxergar o mundo.



Fotos e comentários: Washington Ribeiro (wrbk)

# 10 anos sem Renato Russo

A primeira, e única, oportunidade que tive para assistir um show da Legião Urbana foi em 1988 e não aproveitei. A maioria conhece a história e sabe que depois deste fatídico show, no estádio Mané Garrincha, a banda nunca mais retornaria a Capital Federal para uma apresentação. A falta de estrutura e organização, os incidentes e o tumulto causados pela platéia selaram meu destino.

Quando Renato Russo faleceu, em 1996, e conseqüentemente a Legião Urbana chegou ao fim, tive a certeza que jamais teria a oportunidade de me emocionar com a banda que embalou a maioria das canções da minha adolescência.

Mas tudo isso mudou em 2003 quando tive a oportunidade de participar de um trabalho de faculdade que tratava sobre a vida e obra do líder da Legião Urbana, "Ensaio Renato Manfredini Jr.", realizado pela turma de Letras da Fajesu onde minha mulher estudava. Conseguimos entrevistar a mãe e o pai de Renato, Dona Carminha Manfredini e Renato Manfredini.

É quase impossível descrever a emoção ímpar de estar presente neste trabalho e poder conhecer um pequeno, mas emocionante, pedaço da história do rock nacional e fotografar é claro!!!

Urbana Legio Omnia Vincit!

Cantinho da sala de visitas onde são guardadas algumas recordações de família

Parede do escritório com os discos de ouro e platina e etc da Legião Urbana e Renato Russo





## Novas Ondas

### RADIOLA SANTA ROSA

Outro dia desde, zapeando pelos canais da TV, a apresentação do Radiola me chamou a atenção. Cabeça de Caetano e corpo de Beasty Boys?!?!? Muita personalidade, presença e letras bem inteligentes.

[www.radiolasantarosa.com.br](http://www.radiolasantarosa.com.br)



### JANICEDOLL

Recebi o single pelo correio e demorei para acreditar que era uma banda de Brasília. Há muito tempo a Capital Federal não tem uma banda de resposta como Janicedoll. Vale a pena!!! Acessem o site da banda, [www.janicedoll.com](http://www.janicedoll.com), baixe as músicas e escute.

### PITTY

Maior expoente do rock nacional dos últimos anos, a cantora Pitty tem uma ótima expressão e facilita muito a fometria. Na fotomontagem abaixo é possível perceber isto. Com pouca luz sobre a cantora conseguiu captar dois momentos diferentes e uni-lós em uma mesma cena criando um efeito de espelho.



# A NOVA GUERRA DOS DOWNLOADS

Depois de um longa guerra travada entre sites de troca de música e gravadoras (e que foi perdida pela última), agora é a vez de produtoras, distribuidores e canais à cabo atormentarem a vida de quem faz download de seriados. Em outubro, sites que forneciam legendas de filmes e seriados foram fechados. Foi o caso do LostBrasil e SóSéries. A Associação de Defesa da Propriedade Intelectual é a entidade responsável por tal ação à pedido da Buena Vista e do canal Sony (proprietário do canal AXN que transmite o seriado Lost). O crime desses sites não foi comercializar, porque o trabalho era voluntário e sem fins lucrativos, mas sim porque a tradução de conteúdo sem consentimento do autor caracteriza o delito.

A maior parte dos downloads e a produção das legendas "ilegais" são de séries cultuadas como Lost, Smallville, e a recente Heroes. Se por um lado as produtoras têm a lei na mão, por outro se esquecem que foi essa prática é consequência de um imenso intervalo entre a transmissão nos Estados Unidos e no Brasil. A Warner começou a passar as novas

temporadas em novembro (mais de um mês de atraso), a AXN só vai transmitir a nova temporada de Lost em fevereiro, e Heroes só estréia na Universal em janeiro. Por outro lado, um episódio legendado em português chega na internet no máximo três dias depois da transmissão nos Estados Unidos.

Todo esse problema poderia ser amenizado se os canais tivessem um tempo de atraso menor, com no máximo uma semana de diferença. Assim o expectador brasileiro não teria a necessidade de recorrer à prática do download. Ações agressivas só criam uma comoção e estimulam os usuários para ir à guerra. Se um site é fechado hoje por pressão judicial, amanhã vão aparecer vinte novos só em protesto e a tendência são as coisas saírem de controle ainda mais. Assim como aconteceu na música, as produtoras e canais vão perder. É um prognóstico simples de ser feito. Mas diferente da música, não haveria necessidade para tal embate uma vez que tudo poderia ser resolvido se uma das partes tivesse sensibilidade e passasse a acompanhar a nova velocidade do mundo.

## Os alquimistas estão chegando

"Não se pode ganhar algo sem dar alguma coisa em troca...". Essa é a premissa de um sucesso de animação oriundo da terra do sol nascente e que a cada dia conquista mais fãs no Brasil: *Full Metal Alchemist (Renkin no Renkinjutsushi)*. O anime narra a história de Edward e Alphonse Elric, dois irmãos estudiosos de alquimia que, após uma mal sucedida tentativa de trazer a mãe falecida de volta, acabam mutilados e partem numa jornada para recuperar seus corpos originais. Com personagens cativantes, trilha sonora espetacular e uma trama muito bem construída, *Full Metal Alchemist* prende o telespectador do primeiro ao último de seus 51 capítulos. Ele também gera questionamentos interessantes ao tocar em temas polêmicos, como ética, religião e abuso de poder, sem no entanto deixar de ter a pitada correta de humor. FMA possui ainda um longa-metragem (que serve como "desfecho" da série), previsto para estrear nos cinemas brasileiros em 2007. Este anime é uma ótima pedida pra quem procura diversão inteligente no universo otaku. (Leonardo de Moura)





# HISTÓRIA SEM FIM

Georgiana Calimeris

Em 1984, uma história de magia conquistou o público jovem. Era o filme *História Sem Fim*, que atçou a curiosidade e imaginação de quem o assistiu. Apesar dos efeitos especiais simples, os personagens eram cativantes e faziam com que a emoção aflorasse nos corações. Não era como o fenômeno *Harry Potter*, mas havia uma inocência profunda na saga do garoto que rouba um livro mágico e lê uma história que faz com que as pessoas sintam que estão de verdade na terra de Fantasia. Na realidade, o filme foi baseado no livro de Michael Ende, autor alemão extremamente criativo e um gênio no que se refere ao gênero fantástico. No entanto, a película não explora tão magnificamente o que há no livro de original e ela acaba sendo medíocre quando comparado ao livro.

O primeiro filme, que perde todo o encanto quando se lê o livro, é uma adaptação fraca. A única coisa realmente empolgante é a música que repete “Never ending stoooooryyyyyyy”. Fora isso, ao se desdobrar as folhas do original, descobre-se que o final do filme termina exatamente na metade da história. O que acontece a Bastian após viver todas as aventuras junto a Atreiu no livro? O que acontece após o encontro com a princesa?

Michael descreve de modo metafórico o que ocorre com a mente dos adultos a medida que aprendemos a nos comportar no mundo. Passamos a esquecer toda a magia que nos cerca enquanto somos crianças. Bastian passa a não mais ouvir o jovem Atreiu, mas uma bruxa de olhos de cores diferentes, gananciosas e pérfida. A medida que Bastian



realiza seus desejos, sua memória do mundo no qual nasceu vai se perdendo para Fantasia até que, completamente perdido, ele recebe uma única chance de voltar para casa.

No filme, Bastian é um menino bonito, perseguido por garotos maiores. No livro, ele é um garoto gordo, que tem um pai deprimido pela morte da esposa e que parece não se importar muito com o que acontece no mundo do garoto. Então, Bastian entra em uma loja e vê um livro que lhe chama a atenção e que também lhe encanta, a ponto dele criar coragem e roubar-lo. Quando o lê, é como se Atreiu fosse ele mesmo. Quando sente fome, Atreiu sente fome. Esse é um detalhe delicado, e mesmo sendo o livro dentro do livro, a vontade de ler é grande porque a infinidade de personagens mágicos e coloridos de Ende enchem a mente com imaginação fértil e desejo de estar naquele mundo tanto quanto Bastian.

Um mérito do filme é o dragão que acompanha Atreiu, Fuchur. Durante a leitura de *História Sem Fim*, minha mente sempre se voltava para o dragão do filme. Mas longe de ser uma adaptação das melhores, não há grandes méritos nele além de apenas atçar a curiosidade para conhecer Fantasia e torcer para que permaneça sempre em nossos corações.



# O DIABO É O MELHOR

Fazia muito tempo que não se via uma comédia chamar tanta atenção. Apesar das críticas mornas, mais de elogios à primeira dama do cinema americano Meryl Streep do que ao enredo em si, o público compareceu em peso aos cinemas no Brasil e no mundo para assistir *O Diabo Veste Prada* (*The Devil Wears Prada* EUA 2006).

No filme, Streep é Miranda Priestley, a editora da revista de moda mais importante do mercado. Ela é diabólica, uma megera perfeita que adora menosprezar seus subordinados. Sua mera aproximação desencadeia uma correria entre os funcionários para deixar o escritório da redação com aparência impecável, suas assistentes se desdobram

para deixar tudo como Miranda gosta. Um belo dia a jornalista recém-formada Andrea Sachs (Anne Hathaway - *O Diário da Princesa*) é contratada como a assistente da assistente da editora. Apesar do emprego sem ambicionado por muitos que querem entrar no mundo da moda, para Andrea a função não passa de um emprego "paga-aluguel" que também pode servir de trampolim para jornais ou revistas jornalísticas "de verdade".

Uma vez contratada, a jovem passa a comer o pão que o diabo amassou. Miranda nunca a chama pelo nome por julgar que ela não merece uma identidade própria, critica a sua aparência, a chama de gorda (!), manda fazer tarefas complicadas num curto espaço de tempo e exige dedicação exclusiva. A vida social e pessoal de Andrea vai para o espaço. Mas ao invés de jogar a toalha e mandar todo mundo para aquele lugar, ela se submete ainda mais, entra no jogo, muda de aparência. Sua recompensa é a promoção e o "privilégio" de ter seu nome pronunciado por Miranda.

Nesse sentido, *O Diabo Veste Prada* é decepcionante porque se espera mais embate e cinismo entre essas duas partes, tal como acontece no livro de Lauren Weisberger que inspirou o filme. Trata-se de uma "autobiografia" disfarçada de Lauren, onde ela criou uma ficção para contar a sua experiência como secretária da editora da revista Vogue. Mas o diretor David Frankel e roteiristas preferiram a água com açúcar, a história da gata borralheira moderninha de moral inabalável que tem o seu final redentor. O filme é engraçado, o riso é fácil, Meryl Streep merece outra indicação ao Oscar por sua atuação (aliás, ela é o filme), e é só isso. Não há uma reflexão, a história apenas acontece, os clichês vem e vão. *O Diabo Veste Prada* poderia ser muito mais, ter mais pimenta, mas acabou sendo um ótimo filme para a Sessão da Tarde.

Ainda assim ele é muito comentado como nenhuma comédia recente conseguiu, certo? É que a história puxa muito para o emocional e a memória. Quem nunca teve um patrão ou encontrou um colega de trabalho que era o diabo? Aquele que fazia um monte de fofquinhas irritantes pelos cantos, conspirava, que era um chato de galocha? A relação entre o filme e essa comédia da vida pública é inevitável. Noutro dia escutei um conhecido dizer a seguinte piada:

*"Encontrei a minha ex-chefe no Park Shopping noutro dia. No meio da conversa disse que tinha visto O Diabo Veste Prada e que havia me lembrado dela.*

*\_ Eu nem visto prada!*

*\_ Mas é o diabo!"*



# ATIRE NO PIANISTA

Dica de um bom livro: *Atire no Pianista*, de David Goodis. Ele é um clássico da literatura noir e é encontrado em versões pocket que são bem baratas. Aliás, a própria literatura noir ainda é considerada barata e menor, apesar de todo apelo popular e do esforço de alguns acadêmicos em valorizar-la. Mas como dar credibilidade a um estilo que nasceu nas bancas de revistas e inspirou um monte de filmecinhos nos anos 50 e 60? As histórias nem mudam muito: há sempre o melodrama, o protagonista melancólico com um passado triste, a mocinha vivida, a prostituta, o bandido que fala demais, o dono do bar dedo-duro, o submundo, a vida áspera, as relações cruas, e um mistério a se resolver. A resposta é simples: porque é bacana. *Atire no Pianista*, por exemplo, é muito legal.

David Goodis é considerado um dos mestres do gênero, mas teve reconhecimento póstumo. Não é de se estranhar quando se fala de um sujeito que em vida escrevia compulsivamente para se sustentar e ainda foi um roteirista fracassado de Hollywood, apesar de vários de seus livros terem virado filmes. *Atire no Pianista* foi um desses adaptados na grande tela pelo cineasta francês François Truffaut apenas quatro anos depois de seu lançamento.

*Atire no Pianista* é sobre Eddie, um pianista de bar barato que tem a política de nunca se envolver em problemas. Ele conseguiu um relativo sucesso até que seu irmão mais velho, um tremendo de um bandido picareta, apareceu para bagunçar sua vida. Ação e movimento não era o que Eddie procurava. Na verdade ele estava muito satisfeito com sua rotina, com seu salário ridículo que era suficiente para pagar uma pensão barata e as refeições. Não se envolvia emocionalmente com ninguém, tanto que para saciar suas "necessidades de homem" recorria aos serviços de uma prostituta. Mas depois da aparição relâmpago de seu irmão, Eddie começou a ser seguido por bandidos, e se envolve com a garçonete do bar, uma mulher bonita, vivida e sabe muito mais que aparenta. E para o seu tormento, foi forçado a relembrar coisas que deveriam ficar enterradas.

O estilo de narração de Goodis é típica do gênero, ou seja, você tem a tradicional terceira pessoa que conta a história presente. Ela muda para primeira pessoa sem aviso prévio para representar pensamentos e considerações de Eddie. Essa troca entre narrador e personagem é constante. Há ainda passagens que Eddie conta a própria história, mas em segunda pessoa, que acentua uma atmosfera determinista. Você é produto dos seus atos e das circunstâncias. Apenas aceite.

*"Acho que algumas noites depois você estava em um bar vagabundo da cidade, um desses de quinze centavos a dose. Havia uma cozinha, e você arrumou um emprego desses de lavador de pratos, faxineiro, essas coisas. Havia um piano velho e estragado e você olhou para ele, afastou os olhos e tornou a olhar. Uma noite você disse ao barman:*

*\_Posso tocar?*

*\_Você?*

*\_Acho que consigo.*

*\_Tudo bem. Pode tentar. Mas é melhor que seja música.*

*Você sentou-se ao piano. Olhou para as teclas. Então para suas mãos.*

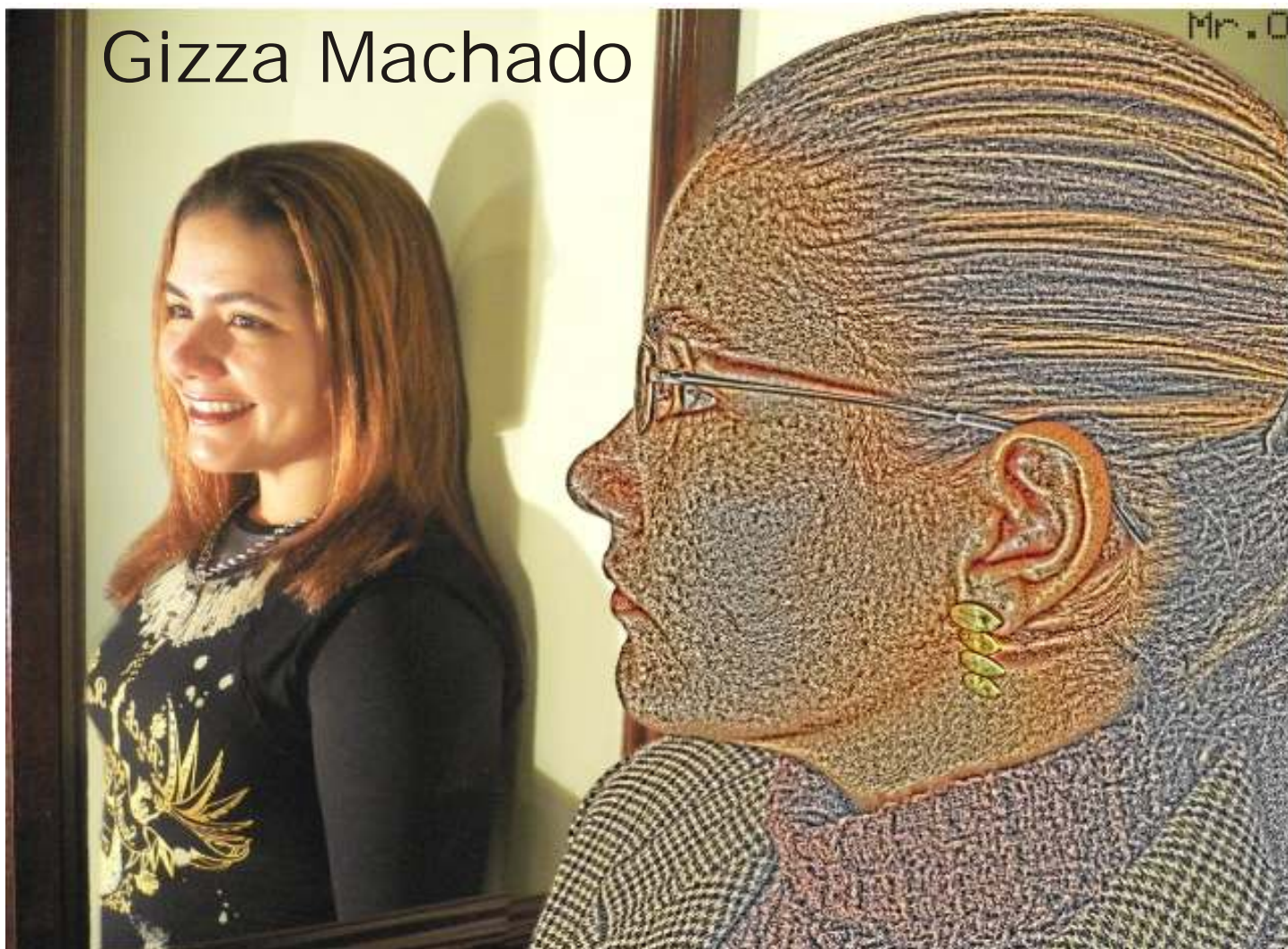
*\_Vamos lá - disse o bartender. - O que está esperando?*

*Você ergueu as mãos. Baixou-as e seus dedos tocaram as teclas. O som saiu, e era música".*





Gizza Machado



assuma

seus

erros

seus

assuma

you cannot hide  
who you are for a long time  
you cannot keep  
a life that is not yours  
for a long time  
the lie ends  
when the truth comes to light  
and there is nowhere to run  
nowhere to go  
no way to pretend  
just admit your mistakes  
admit to yourself  
without blaming others for your choices  
admit your mistakes  
admit to yourself  
admit your dreams  
do not blame others  
for your choices



# UM POR TODOS



## e todos por um

A medida que o tempo passa, a gente aprende a não confiar tanto nas pessoas como quando éramos mais novos. A gente se decepciona com aquelas criaturas que nos partem o coração e a alma. Ainda com o tempo, a gente aprende que amigo de verdade não é o que vai tirar você de uma briga, mas, aquele que entra dando uma voadora e ajuda você a bater. Depois diz: vacilou, amigo! Aprendemos também que nem todas as pessoas para quem doamos nossa vida vão fazer o mesmo por nós. Ainda assim, chega um momento em que sabemos, depois de levar muito na cara, que amigo de verdade segue à risca o lema dos Três Mosqueteiros: um por todos e todos por um.

A frase enobrecida por Alexandre Dumas remete a feitos grandes e heróicos, lembra-nos de aventuras indescritíveis ao lado de amigos inesquecíveis. Na verdade, nos tempos atuais, a vida é uma grande e eterna aventura. A cada esquina, podemos nos deparar com a necessidade de algum amigo verdadeiro presente em nossas vidas como quando o pneu do carro fura às três da manhã debaixo de um pé d'água dos infernos e você não tem step e você liga para seu amigo pedindo socorro e lá está ele, molhando-se junto com você ou quando do absolutamente nada um pranto se esvai e você pede para que um de seus melhores amigos venha até sua casa para segurar sua mão ou quando você passa horas no telefone com a velha ladainha de sempre... Enfim, exemplos não faltam e, com certeza, você vai se lembrar de milhões de vezes que teve seus amigos por perto para ajudar você nas pequenas coisas.

Seus melhores amigos nunca vão ser aqueles que vão passar a mão na sua cabeça quando você fizer algo errado, são aqueles que chutam sua bunda e deixam você quicar até que tome consciências das grandes burradas que você fez no universo. Seus melhores amigos também vão saber o momento de segurar sua mão e lhe dar o colo devido quando o mundo parecer maior do que realmente é.

Amigos são diferentes de pais e mães porque eles conhecem seus segredos mais profundos e as piores coisas que você já fez na vida. Com estas pessoas, você se sente à vontade para ser você mesmo, para rir, para chorar e para brincar como uma criança. Eles sabem que existe um momento para cada coisa e sabem como falar com a gente sem ofender e a gente sabe reconhecer tudo isto nestas pessoas. O lema "um por todos e todos por um" não se refere a grandes e maravilhosas aventuras, mas, talvez, refira-se ao fato de que, poucos que sejam, existem pessoas por quem daríamos as nossas vidas e vice-versa. Para estes, deixo meu brinde de ano-novo, mesmo para aqueles que parecem desaparecidos ou deixaram um pedaço de suas almas, pois, tornaram o branco colorido e o preto uma cor distinta. *(Georgiana Calimeris)*